



## Permanecei no meu amor (Jo 15,9)

*D. António Couto, Bispo de Lamego e Delegado  
da Conferência Episcopal para a Vida Consagrada*

O tema desta comunicação [«Permanecei no meu amor»] é um dizer de Jesus registado no v. 9 de João 15, e que dá o tom ao corpo e serve de título à conclusão das Orientações da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, intituladas «O dom da fidelidade, a alegria da perseverança», apresentadas em Roma em 02 de fevereiro de 2020.

Uma vez que a locução «Permanecei no meu amor», que serve de título a esta comunicação, se desprende de João 15,9, importa, antes de mais, olhar para o texto, incrustando-o embora no seu contexto. Importa então visitar com atenção João 15,1-17, dado que um bom número de comentadores encara este texto como uma unidade discursiva, bem costurada por várias palavras-chave<sup>1</sup>, como é bem visível no texto abaixo. Está encontrado o primeiro andamento desta comunicação. E os demais andamentos ficarão claros com a numeração apresentada. Dado o tempo disponível, e os muitos assuntos para resolver, os assuntos aqui dados à escritos serão muitas vezes apenas enunciados. Mas compreensíveis, assim penso.

### **1. Permanecei no meu amor: texto e contexto (João 15,1-17)**

Importa, neste primeiro andamento, frequentar o texto com atenção e com o lápis na mão, para salientar linhas temáticas (ou de sentido) que sobressaem e sublinhar vocabulário importante. É um trabalho que cada um deve fazer pessoalmente para, a partir do levantamento feito, poder depois perseguir cuidadosamente os diversos veios de sentido que assomam à superfície. O que apresento a seguir é apenas um exemplo, prevenindo já que o passo que darei a seguir terá de ser necessariamente limitado a alguns veios de sentido.

---

<sup>1</sup> Por exemplo, Georges ZEVINI, *Commentaire spirituel de l'Évangile de Jean*, vol. 2, Paris, Médiaspaul, 1996, p. 106.

«15,<sup>1</sup>**EU SOU a videira, a verdadeira**, e o meu **PAI** é o agricultor.<sup>2</sup> Todo o **ramo em Mim** não dando **fruto**, ele corta-o, e todo o que dá **fruto**, limpa-o, para que dê mais **fruto**.<sup>3</sup> Vós já estais limpos pela palavra que vos falei.<sup>4</sup> **Permaneeci em Mim**, e **Eu** em vós. Como o **ramo** não pode dar **fruto** por si mesmo, se não **permanecer** na **videira**, assim também vós, se não **permanecerdes em Mim**.<sup>5</sup> **EU SOU a videira**; vós os **ramos**. Aquele que **permanece em Mim** e **Eu** nele, esse dá muito **fruto**, porque **sem Mim**, não podeis fazer nada.<sup>6</sup> Se alguém **não permanecer em Mim**, é lançado fora, como o **ramo**, e seca, e recolhem-nos, e lançam-nos no fogo, e arde.<sup>7</sup> Se **permanecerdes em Mim**, e as minhas **palavras permanecerem** em vós, pedi o que quiserdes, e ser-vos-á feito.<sup>8</sup> Nisto é glorificado o **meu PAI**: que deis muito **fruto** e vos torneis meus discípulos.

<sup>9</sup>Como o **Pai me amou**, também **Eu vos amei**. **Permaneeci no meu amor**.<sup>10</sup> Se guardardes os meus mandamentos, **permanecereis no meu amor**, como **Eu** guardo os mandamentos do **meu Pai** e **permaneço no seu amor**.<sup>11</sup> Falei-vos estas coisas para que a **minha alegria** esteja em vós, e a **vossa alegria** seja completa.

<sup>12</sup>Este é o meu mandamento: que **vos ameis uns aos outros** como **Eu vos amei**.

<sup>13</sup>Ninguém tem um **amor maior** do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos.

<sup>14</sup>Vós sois meus amigos se fizerdes o que vos mando.<sup>15</sup> Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor. Chamei-vos amigos, porque tudo o que ouvi do **meu Pai** vos dei a conhecer.<sup>16</sup> Não fostes vós que me escolhestes; fui **Eu** que vos escolhi, e vos constituí, para que vades e deis **fruto**, e o **vosso fruto permaneça**, a fim de que qualquer coisa que pedirdes ao **Pai** em meu Nome, Ele vos dê.<sup>17</sup> Isto vos mando: que **vos ameis uns aos outros**» (Jo 15,1-17).

## 2. Permaneeci no meu amor: configuração do texto de João 15,1-17

Muitos estudiosos e comentadores do quarto Evangelho veem João 15,1-17 como uma unidade discursiva dentro do grande discurso de Jesus que vai desde João 13,12b até 17,26, palavras ditas por Jesus na intimidade da mesa, entre a Ceia e o lava-pés (João 13,1-12a) e a travessia do Cédron para entrar no jardim (João 18,1). Não se pode descurar, todavia, a inclusão literária bem patente entre os v. 12 e 17:

Este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros (v. 12);

Isto vos mando: que vos ameis uns aos outros (v. 17)

Prestando atenção à referida inclusão temática e literária, ficamos então perante duas unidades discursivas: a primeira, v. 1-11, determinada pelo verbo «permanecer» (*ménô*), que verdadeiramente a atravessa, fazendo-se ouvir aí por dez vezes (v. 4 [3x]. 5.6.7 [2x].9.10 [2x]); e a segunda, v. 12-17, marcada e emoldurada pelo mandamento do amor (v. 12.17)<sup>2</sup>. No desenho da configuração de João 1-17 que acima apresentei, pode ver-se ainda o relevo dado aos v. 9-11. Com este procedimento, vou ao encontro do que referem não poucos autores, que fazem questão de destacar a metáfora da videira, que enche os v. 1-8, como ainda de evidenciar melhor a inclusão temática e literária patente entre os v. 12-17. Na verdade, os v. 9-11 trazem para a cena temas e vocabulário novo, como se pode ver na introdução das temáticas do “amor”, dos “mandamentos” e da “alegria”, que não encontramos nos v. 1-8. A temática do “amor” e dos “mandamentos” transita para os v. 12-17, enquanto a “alegria” faz a sua aparição apenas nesta pequena secção (v. 11). Por outro lado, não podemos deixar de verificar a presença daquele «Falei-vos» (*lelâlêka hymîn*), com o verbo no perfeito grego, soldando bem o v. 3 com o v. 11, os v. 1-8 com os v. 9-11, contribuindo ainda para esta vinculação a presença nas duas secções dos elementos “Pai”, “Eu” e “permanecer”.

Portanto, na minha ótica, João 15,1-17 constitui uma unidade forte, em que se podem ver três secções (v. 1-8; v. 9-11; v. 12-17), que se reclamam, completam e complementam.

### **3. Permanecei no meu amor: tempo de leitura de João 15,1-17**

#### **3.1. «Eu sou»**

O discurso abre de forma abrupta com a afirmação solene e soberana: «Eu sou»<sup>3</sup>, que coloca o leitor na linha da grande revelação de Jesus no Evangelho de João, e na revelação de Deus em todo o AT, desde Êxodo 3,14. De notar que a locução «Eu sou» (*Egô eimi*) se faz notar no Evangelho de João com uma frequência elevadíssima (29x), considerando a frequência da sua aparição nos Evangelhos sinóticos (Mateus 5x; Marcos 3x; Lucas 4x). Esta discrepância torna-se ainda mais notória se confrontarmos as vezes em que esta locução surge nos lábios de Jesus: João 26x; Mateus 1x; Marcos 2x; Lucas 2x<sup>4</sup>.

No seu amplo e bem documentado Comentário, Rudolf Schnackenburg assinala ainda os lugares do Evangelho de João em que, na boca de Jesus, esta locução surge associada com uma metáfora, com que Jesus se designa a si mesmo. E enumera:

---

<sup>2</sup> Francis J. MOLONEY, *The Gospel of John*, Collegeville, Liturgical Press, 1998, p. 417.

<sup>3</sup> Rudolf SCHNACKENBURG, *El Evangelio según San Juan. Versión y comentario*, vol. III, Barcelona, Herder, 1980, p. 130.

<sup>4</sup> Rudolf SCHNACKENBURG, *El Evangelio según San Juan. Versión y comentario*, vol. II, Barcelona, Herder, 1980, p. 73.

- o pão da vida (6,35.48); o pão vivo (6,51); o pão descido do céu (6,41);
- a luz do mundo (8,12; cf. 9,5 sem *egô*);
- a porta (das ovelhas) (10,7.9);
- o bom pastor (10,11.14);
- a ressurreição e a vida (11,25);
- o caminho, a verdade e a vida (14,6);
- a videira (15,1.5).

Rudolf Schnackenburg chama a atenção para as metáforas em número de “sete”, associadas ao «Eu sou» de Jesus no Evangelho de João. Este número “sete” pode tratar-se de um mero acaso, mas Schnackenburg julga bem que, num mestre de matriz judaica, este número “sete”, por ser um número perfeito, será certamente intencional<sup>5</sup>. Seja como for, é óbvio que passa por este «Eu sou» uma enorme torrente de sentido novo, se reparamos sobretudo nas vezes em que esta autoapresentação de Jesus surge associada com “vida”, com “a vida”, aqui dita sempre *zôê*, que não é a nossa vida biológica ou psicologicamente determinada, mas a vida imperecível e indestrutível, vida eterna (*zôê aiônios*), vida própria de Deus, vida divina, não reservada para o futuro escatológico, como em geral se vê nos sinóticos, mas já entrada e em ação no nosso presente<sup>6</sup>. Este acerto parece-me importante para repensarmos a fundo a forma, tantas vezes sem sentido novo e divino, como temos abordamos a temática da vida eclesial e da morte, sobretudo nestes tempos de pandemia.

### 3.2. A videira, a verdadeira

Na locução grega *hê ámpelos hê alêthinê*. A colocação do adjetivo “verdadeira”, com artigo, no final da frase empresta à afirmação um tom fortemente enfático<sup>7</sup>, que estabelece um contraponto muito marcado entre Jesus e Israel. É sabido que a metáfora da “videira-vinha” serviu muitas vezes para dizer Israel ao longo do AT, como se pode ver nas referências que seguem: Salmo 80,9-17; Isaías 5,1-7; 27,2-6; Jeremias 2,21; 5,10; 12,10-11; Ezequiel 15,1-8; 17,5-10; 19,10-14. Todavia, na maioria das vezes, a imagem da “videira-vinha”, que vemos aplicada a Israel, serve para ilustrar o contraste entre o amor de Deus e a infidelidade decepcionante de Israel<sup>8</sup>. Era esperado, dados os cuidados com que foi tratada, que a videira-Israel produzisse uvas boas, mas acabou por produzir apenas agraços. Videira brava, portanto. E, tendo-se tornado brava, ficou sem solução. Já nem os esmerados tratamentos de que era objeto obtinham resultado. Vislumbrava-se

<sup>5</sup> Rudolf SCHNACKENBURG, *El Evangelio según San Juan*, II, p. 74.

<sup>6</sup> Rudolf SCHNACKENBURG, *El Evangelio según San Juan*, II, p. 96.428-430.

<sup>7</sup> Francis J. MOLONEY, *The Gospel of John*, p. 419.

<sup>8</sup> Georges ZEVINI, *Commentaire spirituel de l'Évangile de Jean*, vol. 2, p. 107.

apenas uma solução para a videira brava que era Israel. A solução era uma enxertia. Mas para se proceder a uma enxertia, era preciso que houvesse uma videira boa, verdadeira. Aí está então «a videira, a verdadeira», que é Cristo, e o enorme significado de que este texto se reveste.

### **3.3. Permanecer em Mim**

A metáfora da videira e dos ramos e do fruto é importante, sobretudo porque permite recuperar os fios perdidos do AT. Mas a metáfora da videira está, neste texto joanino, ao serviço daquela imensa girândola do «permanecer em Mim», como os ramos na videira, para que possa haver fruto.

### **3.4. Permanecei no meu amor e guardai os meus mandamentos**

É a lição da vida divina que une e distingue (não funde) o Pai e o Filho. É o amor que Deus é (1 João 4,8.16), e que é primeiro (1 João 4,16). Se Deus é amor, e ama primeiro, então ama gratuitamente. E se ama gratuitamente, com um amor gratuito, então significa ainda que a razão do amor de Deus reside em Deus, e não naqueles que Deus ama<sup>9</sup>. Por isso é que, ao contrário de nós, o amor de Deus não é para a sua felicidade ou autossatisfação, mas para a felicidade daqueles que Ele ama. É este amor de Deus, sem retorno, que somos convidados a imitar. É por isso também que o amor bíblico pode ser objeto de um mandamento. Fora desta pauta do amor novo de Deus, não se pode obrigar ninguém a amar alguém. Mas nesta pauta do amor novo de Deus, que ama o desvalor, o diferente e também o inimigo, o mandamento faz sentido. É assim que estamos sempre em débito de amor para com os outros, nomeadamente daqueles de quem não gostamos ou que até achamos repugnantes.

### **3.5. A minha alegria, a vossa alegria, a alegria de Deus**

Já acima o dissemos. A alegria só aparece no v. 11. Prestemos atenção a esta anotação interessante de Furio Jesi:

«Todo o contrassenso com que o mundo te ofende ou agride vem ter contigo para que tu aí descubras o sentido, e toda a contradição que dentro de ti se levanta e te atormenta reclama de ti uma palavra que a resolva. Toda a dor de alma que te angustia quer ter acesso à tua jubilosa alegria.

Mas não se trata da alegria que tu procuras para ti. A alegria é uma dádiva que te é concedida, quando tu procuras «alegrar Deus». A tua alegria acontece quando tu não procuras outra coisa senão a alegria de Deus: nada mais, nada menos do que a alegria em si mesma»<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Carmine DI SANTE, *Fiducia, speranza, amore*, Magnano, Qiqajon, 2015, p. 23.

<sup>10</sup> Furio JESI, *Introduzione*, in Martin BUBER, *I racconti dei Chassidim*, Milão, Garzanti, 3.<sup>a</sup> ed., 1988, p. 14.

Só assim se cumpre, digo eu agora, a Palavra da Escritura, que antes de mim diz que «A alegria do Senhor é a nossa fortaleza» (Neemias 8,10).

#### 4. Onde está o teu irmão? (Gn 4,9)

Reparei que as Orientações que estamos a abordar para a Vida Consagrada fazem referência, na sua Conclusão, a este texto do Génesis, apelando aos Consagrados para serem responsáveis uns pelos outros, isto é, para não se limitarem à prática de uma simples liberdade *compartimentada*<sup>11</sup>, na velha linha da ontologia<sup>12</sup>, em que «a minha liberdade acaba onde começa a liberdade do outro». De facto, na velha escola da ontologia ensina-se e aprende-se que «eu sou eu, e tu és tu, e ele é ele», não sendo eu o guarda do meu irmão, nem tendo nada a ver com ele, como se depreende da velha e paradigmática resposta ontológica, nada ética, de Caim acerca de Abel: «Guarda do meu irmão, eu»? (Génesis 4,9), que é como quem diz: «eu sou eu e ele é ele», seres ontologicamente separados<sup>13</sup>. Penso que todo o percurso feito nos foi indicando um caminho diferente, interativo e implicativo, em que, podemos dizer, «a minha liberdade começa onde começa a liberdade do outro».

---

<sup>11</sup> Lembra o jogo das «casinhas», das crianças. Se «A liberdade é o poder de fazer tudo aquilo que não prejudique os outros», como se pode ler na formulação exemplar que encontramos na famosa «Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão» (Art.º 4), saída da Revolução Francesa e aprovada em 2 de Outubro de 1789, e que foi depois muitas vezes traduzida no aforismo: «A minha liberdade acaba onde começa a liberdade do outro», vê-se bem que é uma liberdade aos «quadrinhos», estanque, e nada implicativa e interativa, em que o outro aparece como limite da minha liberdade, e não como aquele que a institui e lhe dá sentido. Ver bem Armido RIZZI, *Oltre l'erba voglio. Dal narcisismo postmoderno al soggetto responsabile*, Assis, Cittadella, 2003, p. 138. Salta também à vista que há muita gente que não é sujeito de liberdade, pois não tem nenhum poder nem fazer nem dizer. Exemplar é o caso daquele «um homem», em estado de coma, abandonado na valeta, de acordo com a famosa parábola do Evangelho de Lucas 10,30-35. Ver Armido RIZZI, *Il Samaritano*, in *Viottoli*, 2, 1998, p. 6; Carmine DI SANTE, *Lo straniero nella bibbia. Saggio sull'ospitalità*, Troina, Città Aperta, 2002, p. 174-175; Carmine DI SANTE, *La rinascita dell'utopia*, Roma, Lavoro, 2000, p. 46-47; António COUTO, *Uma palavra é melhor do que um presente*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2.ª ed. revista, 2009, p. 175.

<sup>12</sup> Alberto MOSCATO, *Introduzione*, in Emmanuel LEVINAS, *Umanesimo dell'altro uomo*, Génova, Melangolo, 3.ª reimpressão, 2009, p. 13.

<sup>13</sup> Emmanuel LEVINAS, *Tra noi. Saggi sul pensare all'altro*, Milão, Jaca Book, 1998 (1.ª reimpressão, 2002), p. 145.